

## Os "Capitães" da feira: infância, pobreza e abandono de crianças em Feira de Santana entre 1909 e 1938.

LÍVIA GOZZER COSTA\*

Este texto<sup>1</sup> tem por objetivo traçar um pequeno quadro sobre o cotidiano, os discursos e as representações sobre a infância pobre e/ou abandonada de Feira de Santana entre as décadas de 1909 a 1938, analisando como esse grupo social, em suas múltiplas formas, ocupava os espaços da cidade e manifestava suas experiências de vida no urbano, entrando em conflito com um projeto civilizador proposto pelos grupos dominantes deste período. A influência das políticas internacionais direcionadas à minoridade atuaram sobre as novas condições oferecidas pelo Estado para a viabilização do ideal de infância pautada no positivismo e na ideologia capitalista - que visava transformar essas crianças pobres e/ou abandonados em trabalhadores úteis aos desígnios da pátria.

A baliza temporal inicia-se em 1909, uma vez que a transição do século XIX para o XX tem significativa importância no tocante à assistência à infância no Brasil. Fundamentados nos discursos medicohigienistas - que viam nas crianças materialmente e moralmente abandonadas sujeitos socialmente degenerados e aptos à prática da vadiagem e/ou criminalidade execrados pela jovem República - o conceito de infância adquire uma nova dimensão, deixando de ser alvo exclusivo de ações no âmbito privado e/ou da Igreja para transformar-se em uma questão pública, de competência do Estado. (RIZZINI (org.) 1997: 82).

A fim de perceber as novas demandas políticas em torno da criança desamparada pela família e pelo Estado, nos deteremos na análise de um importante jornal local, o *Folha do Norte*. Lançado em 1909, essa fonte nos será útil em duas

---

\*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, e atualmente cursa o Mestrado em História nesta instituição.

<sup>1</sup> O título deste projeto faz alusão à obra literária de AMADO (2000), que retratou o cotidiano de um grupo de crianças abandonadas na cidade de Salvador na década de 1930. Ao fazer uso de notícias dos jornais da época nas páginas iniciais da obra, o autor evidenciou uma realidade pujante na capital soteropolitana do período. Além disso, buscou demonstrar o interesse do governo baiano em ocultar esses sujeitos das ruas da cidade, instalando-os em orfanatos e/ou profissionalizando essas crianças a fim de “aproveitá-las” segundo os interesses dos grupos dominantes daquele contexto.

perspectivas distintas: primeiramente, nos auxiliará na percepção das representações que os grupos dominantes teceram sobre as crianças pobres e/ou abandonadas que viviam nas ruas de Feira de Santana em meio às alterações no conceito de infância a nível nacional.

Este veículo informativo era propriedade de um sujeito influente na cidade<sup>2</sup> e servia, portanto, como propagador de manifestações de repulsa aos elementos anticivilizatórios em um contexto de anseios por “ordem e progresso” (OLIVEIRA, 2000; SILVA, 2000; RAMOS, 2007; SOUZA 2008). Utilizaremos este *corpus* documental a fim de analisar os discursos por ele lançados na tentativa de evidenciar um “problema” manifesto, pujante e que em nada contribuía para os desígnios civilizadores aos quais a *Princesa do Sertão*<sup>3</sup> pretendia estar “naturalmente predestinada”. Por outro lado, enquanto objeto de nossa investigação, o folhetim como um todo será problematizado, na medida em que é perceptível a relação existente entre os discursos ali proferidos e a incessante busca por atender objetivos específicos de grupos dominantes locais.

Outro marco importante nesta conjuntura seria o ano de 1927 quando, sob influência da Declaração dos Diretos da Criança de 1921<sup>4</sup>, o Brasil decretou o Código de Menores tendo por objetivo maior “submeter o menor<sup>5</sup>, seja ele de um ou outro sexo, abandonado ou delinqüente, às medidas de assistência e proteção a serem garantidas pelo Estado”, com o auxílio da Igreja e Sociedade Civil<sup>6</sup>. Além da influência internacional, pesou na criação deste código a necessidade de formar trabalhadores disciplinados em uma conjuntura de notável crescimento do abandono e vadiagem infantil.

---

<sup>2</sup> O Jornal Folha do Norte pertencia a Tito Rui Bacelar. Estudos diretamente voltados para a análise dos jornais que circularam nesta cidade ainda não se fazem sentir, entretanto, indícios sobre os jogos políticos inerentes a este veículo de informação das elites locais podem ser encontrados em, dentre outros, OLIVEIRA (2000) e SOUZA (2008).

<sup>3</sup> Tal alcunha, proferida por Ruy Barbosa em visita à *urbe* no século XIX, estava diretamente relacionada com o fato de Feira de Santana ter despontado como cidade destaque do interior do Estado devido sua favorável localização geográfica, sendo entreposto comercial de referência regional e nacional e, além disso, articulava-se diretamente com os projetos de civilização que buscavam criar uma nova memória local em detrimento do passado rural. Ver OLIVEIRA (2000).

<sup>4</sup> Segundo CORRÊA, in FREITAS (2006), depois da 1ª Guerra Mundial, tratados internacionais estabeleceram novas regras de convivência entre os países, e um dos resultados desses tratados foi a aprovação da Declaração dos Diretos da Criança, na Conferência de Genebra, em 1921.

<sup>5</sup> Segundo LONDOÑO, in DEL PRIORI (1995: 129) a partir de 1920 o conceito “menor” “passou a referir e indicar a criança em sua relação de abandono e marginalidade”. Entretanto, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na década de 1990, objetivou-se eliminar a relação histórica entre menoridade e marginalidade. Hoje, menor remete a menoridade, ou seja, aquele que não tem idade mínima para exercer responsabilidade civil, estando sob tutela dos pais ou responsáveis. Ver ISHIDA (2006).

<sup>6</sup> Ver Código de Menores - DECRETO N. 17.943 A – DE 12 DE OUTUBRO DE 1927 art. 1º.

A partir deste período o Estado, claramente influenciado pelos discursos médicos<sup>7</sup>, jurídicos e pedagógicos em voga desde o final do século XIX no Brasil, passou a enxergar a infância pobre e/ou abandonada enquanto vítima e futuro da nação, devendo responsabilizar-se por esses sujeitos. Ainda nesta perspectiva, os grupos dominantes da cidade

---

<sup>7</sup> Dentre estes figuram os nomes de Dr. Moncorvo Fº, Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro. Esses dois últimos, sob influência da Escola Nina Rodrigues, acabaram atuando como verdadeiros cientistas sociais no Brasil do início do século XX, sendo responsáveis pela criação e alteração de leis no domínio jurídico, além de discursarem sobre os riscos da infância moralmente abandonada para o futuro da nação. Ver CORRÊA (1998).

culpavam as famílias empobrecidas pela condição de abandono à qual se encontrava a criança e, diante esta realidade, passaram a pensar os espaços necessários à regeneração social destes menores – como os orfanatos e as escolas profissionais. Os dirigentes locais, portanto, buscavam aparelhar a cidade com uma massa de futuros trabalhadores ordeiros – em contraposição à condenada ociosidade - indispensáveis à manutenção do quimérico projeto de civilização na Feira de Santana deste período. Tais aspectos são percebidos, dentre outros, em uma circular oficial enviada pela Secretaria de Polícia do Estado da Bahia à prefeitura de Feira de Santana em 1931. Nesta, ressalta-se a necessidade de preparar as bases sólidas para o progresso do Estado apoiando-se nas crianças pobres da cidade que, muito embora estejam

andrajosas, famintas, viciosas, [...] abandonadas por tal triste orphandade ou pelo descuido e desprezo de paes desnaturados, são suscptíveis de serem tornados entes uteis desde que submettidos á pratica do trabalho, á disciplina do dever, ao culto da moral, á religião da virtude, que compõem o carater e induzem á honestidade. (*Folha do Norte*, 04/07/1931: 1-3).

Todo o fenômeno acima aludido esteve inserido em uma conjuntura maior, datada da transição do Império para a República que, atuando enquanto um divisor de águas, promoveu inúmeras transformações de ordem estrutural e funcional do espaço urbano, além de buscar controlar ideológica e disciplinarmente a população (SEVCENKO, 1983; ARAÚJO, 1993; CHALHOUB, 2001; FERREIRA & DELGADO, 2003). Enquanto capital nacional e importante elo entre as regiões nacionais e outras capitais do mundo, o Rio de Janeiro assumiu a função de epicentro irradiador desse fenômeno importado da Europa, visivelmente intensificado na cidade de Feira de Santana em princípios do século XX (POPPINO, 1968; OLIVEIRA, 2000; SILVA, 2000; SOUZA, 2008). “Na nova cidade, em considerável desenvolvimento urbano, já não se podia permitir que determinadas práticas continuassem em voga pelas suas ruas” (OLIVEIRA, 2000: 40). Neste sentido, urgiram projetos de intervenção local, que tiveram por finalidade promover melhoramentos sociais e estruturais visando eliminar da memória, das práticas sociais e do espaço urbano indícios que pudessem trazer à tona um passado marcado pelo modo de vida colonial – o que fatalmente distanciaria esta *urbe* das cidades marcadas pela influência européia, como Recife e São Paulo.

Desde o século XIX, cidades em franca expansão urbana como Salvador e Rio de Janeiro vivenciaram conflitos entre a política de reformas urbanas propostas pelos dirigentes locais e o cotidiano de sujeitos que viviam entre os limites da pobreza e da miséria. (FRAGA F°, 1996; RAGO, 1985). Analisando as concepções e práticas dirigidas à infância pobre de Salvador entre os anos de 1900 e 1940, RODRIGUES (2003) indica que o planejamento de uma cidade modelo pressupunha “ruas limpas de toda sujeira física e humana, nada de miséria exposta nem crianças famintas a pedir esmolas. Ainda segundo os discursos higienistas na capital baiana, nesse novo centro urbano não havia lugar para crianças (...) que, empurradas pela miséria e fome, faziam do espaço da rua um local de sobrevivência e lazer” (RODRIGUES, 2003: 31). As observações desta historiadora também se orientaram no sentido de compreender as feições e os limites de um sentimento de infância existente na cidade de Salvador no início do século XX.

Em Feira de Santana os projetos de reformas urbanas se intensificaram no início do século XX e, assim como as demais cidades em vias de urbanização no Brasil, os grupos dominantes daqui se empenharam em evidenciar a existência de sujeitos e práticas nos espaços urbanos que não se ajustavam ao *status* de cidade civilizada por eles outorgado. Assim sendo,

as mudanças nos hábitos, posturas e reformas urbanas passam a ser uma reclamação constante por parte da elite feirense através de seus jornais. [...] essas eram tidas como condição prévia para a cidade alcançar as luzes do progresso e se igualar a outras cidades importantes do país. (OLIVEIRA, 2000: 40-1).

Nesta perspectiva, as análises de OLIVEIRA (2000) muito se adequam aos objetivos deste trabalho visto que o autor percebe que o processo de destruição da ordem rural que deu origem à Feira de Santana urbana esteve eminentemente articulado aos discursos civilizadores difundidos, principalmente, pelo jornal *Folha do Norte*. Sendo o citado folhetim uma fonte indispensável nesta investigação, as contribuições deste historiador nos ajudam a perceber em que medida o jornal foi utilizado enquanto peça de um jogo político dos grupos dominantes para a consolidação de um projeto urbanístico na cidade.

As crianças pobres e/ou abandonadas que ocupavam os centros urbanos de Feira de Santana contribuía, segundo os discursos da imprensa local, para promover a

desordem urbana, uma vez que as experiências cotidianas desses sujeitos gravitavam em torno das brincadeiras em ambientes centrais da cidade, em algazaras nas feiras, em pequenos furtos, em apedrejamentos de janelas e de pessoas, de jogos de azar, em consumo de bebidas alcoólicas, em depredação de praças, na pronúncia de palavrões em meio às casas das famílias abastadas da cidade, pernoites em *marinetes*<sup>8</sup> ou até mesmo conduzindo cadáveres para o cemitério da cidade. O Jornal *Folha do Norte* publicou com frequência, no período que compreende este trabalho, notícias que evidenciam de alguma forma as experiências cotidianas desse grupo social, bem como a visão da imprensa local sobre esses comportamentos:

Attingiu as raias do inacreditável para outros meios o desassombro com que a malta de menores vagabundos que infesta esta cidade requinta em perversidade e em desrespeito á própria polícia, nas artérias de maior circulação da urbe e á luz meridiana. [...] Uma pobre menina [...] toda vez que sai a rua e tem a infelicidade de atravessar a praça do Commercio [...] torna-se victima do encarniçado apedrejamento por esses malévolos desocupados [...] a população não mais pode tolerar suas desenvolturas e atentados á ordem e á moral publica (GRIFO MEU, FOLHA DO NORTE, 8/09/1934: 3).

A partir desta nota, percebe-se uma preocupação dos grupos dominantes no que tange a vasta presença de menores nas principais ruas da cidade, espaços caracterizados pela confluência de viajantes, comerciantes e compradores não só de Feira de Santana, mas de outras partes da Bahia. Diante dos olhos de quem transitava nestes ambientes, as experiências cotidianas dessas crianças pobres e/ou abandonadas conflitavam com um conjunto de valores veiculados nas páginas do *Folha do Norte* desde sua inauguração. Além do mais, ao pintar as crianças do episódio aludido enquanto *malévolos desocupados* tem-se a nítida impressão de que a rua e a ausência de uma ocupação definida – estar na escola, por exemplo – contribuía para a formação da “má índole e da vadiagem infantil”. Por fim, o adjetivo “*malévolo*” nos remete a uma naturalização da maldade, que parecia ser intrínseca aos meninos abandonados que ocupavam as ruas da cidade.

---

<sup>8</sup> Veículos que faziam o transporte de pessoas geralmente entre a capital e o interior do Estado. Muitos desses transportes ficavam estacionados à Praça do Comércio, principal ponto de confluência da população baiana em Feira de Santana, visto que ali se realizava boa parte das transações comerciais da cidade, e por ali os veículos costumavam ficar até o dia seguinte.

Neste ponto percebe-se uma relação bastante nítida entre o discurso do jornal supracitado e o saber médico em voga no período. Segundo Leonídio Ribeiro, “é na primeira infância, ou na puberdade, que se revelam as primeiras tendências para as atitudes anti-sociais, que se concretizam e se agravam progressivamente, sob a influência geral do ambiente” (apud. CORRÊA, 1998: 239). Essas tendências se persistentes, sem dúvidas colocariam em xeque as pretensões dos grupos dominantes de Feira de Santana, uma vez que tais práticas pareciam reforçar lembranças que mais aproximariam a cidade do passado a se distanciar que do futuro a ser alcançado.

Além da notícia comentada, e de outras mais, nos impressiona o fato do discurso dos redatores do *Folha do Norte* descreverem com minúcia as práticas cotidianas dos menores, o que segundo o próprio jornal, poderia ser evitado caso os representantes políticos da cidade recolhessem esses menores em centros educacionais ou profissionais, a fim de ampliar o quadro de futuros operários necessários ao desenvolvimento do capitalismo na região.

Pervagam a cidade maltas de rapazelhos [...] talvez, vivendo ao léu da sorte, maltrapilhos, petulantes e já viciados, pois que muitos delles beberricam, jogam a *nickeis* em logares publicos, desassombradamente, proferem obscenidades a porfia, atropelam os viandantes e por tudo isso estão implorando trabalho honesto e obrigatório, em recintos cultiváveis e sob as vistas de prepostos da policia de costumes. (Grifo meu, *Folha do Norte*, 20/05/1933: 4, sob o título “*Estão fazendo jús a uma viagem na carrocinha apanha-vagabundos*”).

A partir de 1911, os grupos dominantes, na figura da imprensa local, passaram a reivindicar, com mais tenacidade, a construção ou ampliação de instituições que tivessem por finalidade recolher crianças pobres e/ou abandonadas da cidade – podemos verificar essa informação na notícia supracitada. Escolas profissionais, albergues noturnos, hospitais da criança e a ampliação do Asilo Nossa Senhora de Lourdes<sup>9</sup> (ANSL) que, pela sua limitada estrutura física, não atendia à crescente demanda de famílias que recorriam ao seu socorro sem sucesso (COSTA, 2010); foram solicitações freqüentes não só nas páginas do *Folha do Norte* mas também em Atas de Reuniões Periódicas do Conselho Municipal deste período. Tais estabelecimentos

---

<sup>9</sup> Instituição assistencialista cristã criada em 1879 pelo Pe. Ovídio Alves de São Boaventura, destinada ao acolhimento e instrução de meninas órfãs desta cidade. Ver NASCIMENTO (2006), BOAVENTURA (1989) e POPPINO (1968).

seriam financiados a partir de parques e incertos subsídios municipais e, mais veementemente, por doações das famílias mais influentes da cidade. A partir de 1914, o ANSL, através do *Folha do Norte*, intensifica os pedidos de donativos feitos às famílias abastadas da cidade na intenção de erguer um prédio próprio para acolher mais órfãs abandonadas de Feira de Santana. Doações de verbas e materiais de construção são realizadas por personagens de destaque da cidade que passaram a ser reconhecidos por possuírem a “alma generosa e boa e por não sabe (rem) negar ouvidos aos apelos da caridade” (FOLHA DO NORTE, 05/07/1914: 4). Apesar dos grupos dominantes se esforçarem em erguer com brevidade tal estabelecimento, as obras só se iniciariam treze anos mais tarde. (Relatório Anual do Asilo Nossa Senhora de Lourdes, 1927: 9).

Reclamação semelhante seria pronunciada pelo *Folha do Norte* em 1938, ao afirmar que “apesar da demonstração de boa vontade dos operários e dos verdadeiros feirenses para a construção do indispensável Albergue Nocturno e de u’a escola profissional para menores abandonados [...] nada, por enquanto, foi iniciado” (FOLHA DO NORTE, 10/12/1938: 3). A nota acima de fato condensa a idéia central a ser transmitida pelo jornal neste período: a despeito dos “bons cidadãos” de Feira de Santana parecerem dispostos a consolidar um projeto de reforma para a cidade, as esferas públicas aparentemente pouco contribuía para sua materialização.

Apesar das manifestações dos grupos dominantes locais em intensificar um projeto de reformas urbanas no recorte aqui proposto, nos parece bastante claro que o cotidiano vivenciado na *urbe* pela infância pobre e/ou abandonada rumava na contramão de uma *ordem* a ser estabelecida para a cidade. A partir da década de 1930, com Getúlio Vargas à frente do comando político do Brasil e sob influência das novas diretrizes internacionais, dos discursos médicos, pedagógicos e jurídicos, a “questão da infância” pobre e/ou abandonada passa definitivamente à alçada do Estado, o que não implicou necessariamente na mudança do quadro acima aludido. Este, diante da necessidade de, dentre outros, solidificar o substrato capitalista em desenvolvimento na recente segunda república, enxerga nas crianças pobres e/ou abandonadas sua afirmação maior: assumir os cuidados daqueles que seriam o futuro da nação era condição *sine qua non* para a consolidação de um projeto nacional que pressupunha a existência de trabalhadores ocupados tão somente em fazer prosperar as determinações do Estado Ditatorial (CORRÊA in FREITAS, 2006; RODRIGUES, 2003).

## Referências Bibliográficas

- AMADO, J. **Capitães da areia**: romance. 100 tiragem Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ARAÚJO, R. M. B. **A vocação do prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro Republicano. Rio De Janeiro: Rocco, 1993.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.
- BRASIL. **Código Civil 1916**: Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916. São Paulo: Rideel, 1916.
- BRASIL. **Código de Menores**. Decreto N. 17.943ª – de 12 de outubro de 1927.
- CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim**: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 2ª Ed. – Campinas/SP. Editora Unicamp, 2001.
- CORRÊA, M. **As ilusões da liberdade**: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. EDUSF, 1998.
- COSTA, L. G. **Os deserdados da fortuna: a infância abandonada de Feira de Santana (1910-1930)**. Monografia de Conclusão de Curso – UEFS, 2010.
- DEL PRIORI, M. (org.) **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 3ª ed., 1995.
- FERREIRA FILHO, A. H. **Quem pariu e bateu que balance**: mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador 1890-1940. Salvador: CEB, 2003.
- FERREIRA, J. & DELGADO, L. A. N. **O Brasil Republicano**: livro 1: o tempo do liberalismo excluyente : da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FRAGA FILHO. W. **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. São Paulo: Hucitec; Salvador: EDUFBA, 1996.
- FREITAS, M. C. **História social da infância no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_ & KUHLMANN, JR. M. **Os intelectuais na História da infância**. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- ISHIDA, Válter Kenji. **Estatuto da criança e do adolescente**. Doutrina e jurisprudência. 8ª Ed. Editora Atlas – São Paulo, 2006.
- NASCIMENTO, M. S. O. **Órfãs desvalidas**: as meninas do Asilo Nossa Senhora de Lourdes em Feira de Santana. 1879 - 1920 (Monografia de Especialização), UEFS, 2004.
- OLIVEIRA, C. F. R. M. **De empório a Princesa do Sertão**: Utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). (Dissertação de mestrado), UFBA, Salvador. 2000.
- POPPINO, R. E. **Feira de Santana**. Salvador, Itapoã, 1968.
- RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAMOS, C. B. de O. **Timoneiras do bem na Construção da Cidade Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900-1945)**. (dissertação de mestrado). Santo Antônio de Jesus: UNEB, 2007.

RIBEIRO, L. **Afrânio Peixoto**. Rio de Janeiro: Conde, 1950.

RIZZINI, I (org.) **Olhares sobre a criança no Brasil: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Petrobrás – BR: Ministério da Cultura: USU, Ed. Universitária: AMAIS, 1997.

RODRIGUES, A. R. **A infância esquecida: Salvador 1900-1940**. Salvador: EDUFBA, 2003.

SEVCENCO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, A. J. M. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção da identidade social no interior da Bahia (1833 – 1937)**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – UFBA, Salvador.

SOUZA, E. L. **Prosas da valentia: violência e modernidade na Princesa do Sertão (1930-1950)**. (Dissertação de Mestrado), UFBA, Salvador, 2008.